

Úrsula: “A mente, esta ninguém pode escravizar” de Maria Firmina dos Reis

Narumi Ito¹
Ricardo Marques Macedo²

Resumo: O presente artigo propõe direcionar os olhares dos leitores, aos escravos africanos que tiveram a sua primeira oportunidade de expressarem suas vozes, no romance *Úrsula* (1859) da maranhense Maria Firmina dos Reis (1822 – 1917). Neste sentido, o objetivo é trazer à tona as questões mais dolorosas que estavam em voga no século XIX, sobretudo, o racismo e o machismo, que Reis já denunciava naquele período. Tendo duplo pioneirismo, tanto em ser o primeiro romance publicado no Brasil por uma mulher negra, quanto por ser o primeiro livro abolicionista registrado. Logo, não foi uma missão fácil, explorar tantas riquezas culturais, sociais e políticas que contemplam o romance e o seu contexto. Porém, a tarefa foi de extrema relevância, visto que, por mais Reis ultrapassou barreiras gigantescas, ainda se há poucos estudos sobre o romance e a autora.

Palavras-chave: *Úrsula*; Maria Firmina dos Reis; Literatura abolicionista; século XIX.

Abstract: The present article proposes to direct the reader's eyes to the African slaves who had their first opportunity to express their voices in the novel *Úrsula* (1859) of Maria Firmina dos Reis (1822-1917). In this sense, the objective is to bring to the fore the most painful issues that were in vogue in the nineteenth century, especially racism and machismo, which Reis already denounced at that time, being a pioneer, both in being the first novel published in Brazil by a black woman, and for being the first recorded abolitionist book. Therefore, it was not an easy task, to open up under so many cultural, social and political riches that contemplate the novel and its context. However, the task was of extreme relevance, since, no matter how true the pioneering of Reis, there are still very few studies of the novel and the author.

Keywords: *Úrsula*; Maria Firmina dos Reis; Abolitionist Literature; 19th Century.

1 E-mail para contato: narumiito@hotmail.com. Graduada do 6º semestre do curso de Licenciatura Plena em Letras - Inglês, pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, no campus de Pontes e Lacerda – MT.

2 Possui graduação em Licenciatura Plena em Letras Anglo-Portuguesas pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2002). Mestrado (2011) e Doutorado (2018) em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso.

O romance *Úrsula* publicado pela primeira vez em 1859, pela maranhense Maria Firmina dos Reis (1822-1917), foi esquecido por décadas, e somente recuperado mais de um século depois, em 1962, pelo historiador paraibano Horácio de Almeida em um sebo. No entanto, o motivo desse “desaparecimento” da obra não é mero acaso ou coisa do destino. Basta uma rápida pesquisa sobre quem foi Maria Firmina dos Reis, e perceberemos que há muitas razões para o silenciamento de sua voz tão ativa e urgente. Neste contexto:

Destaca-se que a inclusão ou exclusão de algumas obras do cânone literário não acontece de forma neutra ou sem interesses, mas em função de escolhas políticas, evidenciando o descrédito de obras e autores que não estão ligados às elites culturais, como foi o caso de *Úrsula*, obra que por uma combinação de fatores, tais como a autoria feminina, autoria afrodescendente, procedência de uma província distante e principalmente, a forma inovadora como a escravidão foi tratada, fizeram com que esta obra ficasse silenciada por tantos anos (ANDRETA, 2013, p. 198).

A autora era negra, professora, escritora, mestiça – filha de pai negro e mãe branca – registrada com o nome de um pai ilegítimo. Nasceu na Ilha de São Luís, no Maranhão, longe das metrópoles Rio de Janeiro – São Paulo, mesmo assim, já no seu primeiro romance *Úrsula*, Reis rompe os paradigmas e as barreiras impostas pela sociedade conservadora e escravocrata e usa a sua literatura, como um instrumento de crítica à escravidão, por meio da humanização de personagens escravizados, algo jamais visto antes, sobretudo, em decorrência do eurocentrismo que regia os estereótipos da coletividade. Tendo consciência de tudo isso, desde o prólogo de *Úrsula*, a autora admite que:

Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida; o seu cabedal intelectual é quase nulo (REIS, 2017, p. 11)

Além de ser uma escritora genial que transcendeu o seu tempo, Maria Firmina também tinha plena consciência de que ela não era como as outras mulheres, e nem como as outras escritoras mulheres, que geralmente escrevam sobre temáticas frívolas e romantizadas. Enquanto isso, ela antecipou a obra do poeta abolicionista Casto Alves, com o poema *Navio Negreiro*, publicado dez anos depois, em 1869. Sem falar nas obras *Vítimas-algozes* (1869), de Joaquim Manoel de Macedo e *A escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães,

desconstruindo a primazia de que o tema abolicionista era branco, masculino e senhorial. Dessa forma, a escritora constrói para si mesma, o espaço da literatura afro-brasileira, ela mesma constitui o seu lugar de fala. Nessa perspectiva, o pesquisador contribui:

Fato singular porque nos idos do século XIX a escrita pública era uma prática considerada masculina, poucas mulheres se arvoraram no mundo das Letras, e quando faziam isso, na grande maioria das vezes, escreviam sobre fatos triviais, amores, poesias adocicadas, uma literatura perfumada de “bicos e bordados”, tocar em assuntos tão sérios, como a escravidão ou a abolição, era assunto de homem (HOOCK-DEMARLE 1991, p. 171-172, apud SILVA 2009, p. 02).

Dessa maneira, podemos notar a importância de Reis para o seu tempo e para além dele, a autora sabia da sua “estranheza” em relação as outras mulheres que ela conhecia, pois desde o prólogo do romance, ela assumia sua pequenez perto dos homens ilustres e tinha consciência que ainda era um campo inatingido pelas mulheres, acima de tudo, mulheres negras. No entanto, todos esses impedimentos não foram o que fez a romancista desistir, muito pelo contrário, talvez fosse exatamente esses valores retrógrados que moviam Reis para subverter a lógica e revolucionar os antigos padrões. Considerada subversiva, pois já no seu tempo se indignava na sua literatura:

Senhor Deus! Quando calará no peito do homem a tua sublime máxima — ama a teu próximo como a ti mesmo —, e deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante. Àquele que é seu irmão! E o mísero sofria; porque era escravo, e a escravidão não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos, e puros como a sua alma. Era infeliz, mas era virtuoso; e por isso seu coração enterneceu-se em presença da dolorosa cena que se lhe ofereceu à vista (REIS, 2017, p. 18).

Logo, torna-se evidente que Reis propõe um questionamento ardente e corrosivo aos senhores de engenho, deixando claro a hipocrisia colonialista cristã, que prega os ensinamentos divinos aos colonizados. No entanto, explora e escraviza o seu próximo, sem a mesma piedade que Jesus Cristo agiu para com os seres humanos. Neste sentido, podemos perceber como a escritora, apesar de também ser negra, possuía um conhecimento amplo e aprofundado sobre essas questões, no âmbito religioso e ao mesmo tempo, político.

Possivelmente se dê ao fato dela ser autodidata, mas além disso, ela teve oportunidades na infância, que outros afro-brasileiros não tiveram, e isso mudou toda a trajetória de vida dela. Entretanto, a autora usou todas as suas forças e armas para fazer de sua

vida e obra, uma representação dos menos favorecidos da época e que ainda percorrem em estatísticas no século XXI, uma vez que, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a rigidez da Justiça Criminal com os negros é bem maior, se comparada com a dos brancos, pois os negros sempre vão para a prisão, enquanto os brancos têm acesso a penas alternativas.

Em decorrência desse cenário, podemos constatar a maneira como o passado influenciou o presente e sobretudo, como o eurocentrismo prevalece nos discursos que rodeiam o senso comum. Na medida em que, mesmo levando em consideração que a população negra faz parte de mais 50% dos brasileiros, são eles a menor porcentagem nas universidades públicas, eles não estão nos cargos mais privilegiados e concorridos, eles geralmente não alcançam o “sucesso”, e talvez devêssemos nos questionar se é porque todos os afro-brasileiros não têm nenhum mérito ou se as circunstâncias de vida deles não os libertaram para seguirem suas vidas e terem os mesmos direitos que outras etnias.

O pior de tudo, é que, um dos desafios ainda atuais é ouvir a voz deles, porque há diversos estudos e obras literárias sobre o racismo e a temática afro-brasileira, porém, poucos trazem por traz, o narrador negro, que poderia esclarecer a sua dor, como alguém que viveu, não somente como um indivíduo que narra um sofrimento alheio. Neste sentido, Reis faz muito bem em dar espaço a negritude escravocrata e em seu romance, há diversos personagens que além de descreverem suas (in)condições de sobrevivência, também demonstram sua revolta em relação ao sistema que estavam presos e acorrentados. No desabafo introspectivo de Túlio, isso se torna mais explícito:

O que é senhor, o que é livre, tem segura em suas mãos ambas a cadeia, que lhe oprime os pulsos. Cadeia infame e rigorosa, a que chamam escravidão? E entretanto este também era livre, livre como o pássaro, como o ar; porque no seu país não se é escravo. Ele escuta a nênia plangente de seu pai, escuta a canção sentida que cai dos lábios de sua mãe, e sente como eles, que é livre; porque a razão lhe diz, e a alma o compreende. Oh, a mente! Isso sim ninguém a pode escravizar! Nas asas do pensamento o homem remonta-se aos ardentes sertões da África (REIS, 2017, p. 29).

Neste trecho, torna-se perceptível o que de mais obscuro perpassa na mente do escravo, e neste lugar, não há como limitar, prender ou acorrentar, pois se trata da mente, e como Túlio afirma: “Oh, a mente! Isso sim ninguém a pode escravizar”, neste espaço, ele pode pensar e repensar livremente, sem amarras ou açoites. Dessa maneira, os devaneios dele remontam a sua terra natal, lá onde ele tinha alguma dignidade, que perdeu totalmente quando

adentrou as embarcações dos navios negreiros. Logo, o romance *Úrsula* não se trata de uma mera ficção do século XIX, para o teórico Deleuze:

Escrever não é narrar as recordações, as viagens, os amores e o luto, os sonhos e os fantasmas. É o mesmo pecar por excesso de realidade ou de imaginação: nos dois casos é o eterno papá-mamã, estrutura edipiana que projetamos no real ou que injetamos no imaginário. Trata-se de um pai que se vai buscar no fim da viagem, no seio de um sonho, numa concepção infantil da literatura (DELEUZE, 1993, p. 13).

Dessa maneira, a literatura não apenas é um “retrato da sociedade”, porém, por ela misturar real com o imaginário, torna-se capaz de dizer muito mais do que a realidade e perigosamente atinge a imaginação em excesso. No sentido de, exatamente por não ter um compromisso em descrever os acontecimentos, nenhuma responsabilidade com a verdade, a arte poderá atingir o nível mais intrínseco da vontade de verdade e denunciar as questões mais podres planejadas e executadas pelos seres humanos. A personagem preta Suzana denuncia na narrativa como foi seu processo de transladação para o nosso país da seguinte maneira:

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Dava-nos água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos. (REIS, 2017, p. 117)

Neste momento, Reis dá voz para que relatem, a partir de suas memórias (não só de sua terra natal, mas da travessia até chegar ao Brasil), a violência física e psicológica que os escravos eram submetidos. Vale ressaltar a dualidade entre *companheiros de infortúnio e de cativo* X *mercadoria humana*, já que, quando a escrava Suzana narra sobre a perspectiva dela em relação aos demais escravos, ela os trata como seus semelhantes, companheiros de luta. Enquanto, quando ela se refere ao tratamento que eles recebem dos exploradores, veem os escravos como animais ferozes, nada mais do que apenas mercadorias humanas. Neste contexto, o crítico colabora:

A isto se juntavam: 1) o culto da natureza, que favoreceu a busca da naturalidade de expressão e sinceridade de emoção, contrabalançando a sua eventual *secura*; 2) o desejo de investigar o mundo, conhecer a lei da sua ordem, que a razão apreendia; 3) finalmente, a aspiração à verdade, como descoberta intelectual, como fidelidade consciente ao natural, como sentimento de justiça na sociedade (CANDIDO, 2006, p. 105).

Em relação a literatura do século XIX, Candido esclarece que havia no período de transição – do romantismo para o realismo/naturalismo – um senso de investigar o mundo, questionar a ordem que regia as coisas e sobretudo, havia uma vontade da verdade que não era vista antes, e juntamente com essa vontade, o sentimento de justiça social. Neste sentido, *Úrsula*, que foi publicada em 1859 demonstra essa sensibilidade da autora para com um dos principais problemas que afligiam a sociedade: racismo e machismo, e acima de tudo, como Reis ousou e revolucionou a literatura brasileira, em dar vez e voz para o escravo, e não somente o escravo homem, mas a escrava mulher também teve o mesmo direito de não se calar e deixar sua voz emanar para que as próximas gerações, não esqueçam e por isso, jamais repitam tais crueldades e desumanidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este embrionário estudo buscou garantir que o romance *Úrsula* não seja novamente “esquecido”, tanto pela sua importância política, cultural e histórica, quanto pela qualidade literária presente na obra. Neste sentido, foi possível identificar a ousadia de Maria Firmina dos Reis, pela sua temática revolucionária e atemporal, tratando com muita pertinência e sensibilidade as questões abolicionistas. Sobretudo em humanizar o que antes era tido como mercadoria humana, a autora se refere aos escravos como semelhantes e companheiros, denunciando a hipocrisia dos colonizadores cristãos, que pouco praticavam suas doutrinas.

Por fim, *Úrsula* rompe muitos obstáculos e estruturas que fazem desse romance, uma rica fonte de estudos, podemos compreender nesse recorte como é importante dar o devido espaço de fala para quem nunca o teve, ou que foi impedido de ter. A autora faz isso com eficácia e além disso, narra a escravidão, não mais sob o olhar europeu, todavia, agora sob a perspectiva africana subalternizada.

Referências Bibliográficas:

- ARRAES, Jarid. *“Heroínas Negras Brasileiras – em 15 Cordéis”*. São Paulo: Pólen, 2017.
- ANDRETA, B. L.; ALÓS, A. P. *A Voz e a Memória dos Escravos*. São Leopoldo, v.18 n. 2 p. 194-200 jul./dez. 2013 ISSN 2178-0437X Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/identidade>
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética A Teoria do Romance*. 5º edição, São Pauo: Hucitec Annablume, 2002.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9º edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- DELEUZE, Gilles, “La Littérature et la Vie”, Critique et Clinique, Minuit, Paris, 1993.
- PALMARES, Fundação Cultural. SILVA, Juliana. *Personalidade Negra - Maria Firmina dos Reis*. Governo Federal, 2014. Acesso em 05/06/2018. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/archives/34293>
- REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Coleção Acervo Brasileiro, vol. 2. Projeto editorial integral. Cadernos do Mundo Inteiro. Jundiaí, SP, 2017 (PDF).
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala? Femininos Plurais*. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017.
- SILVA, Régia Agostinho. “A MENTE, ESSA NINGUÉM PODE ESCRAVIZAR”: MARIA FIRMINA DOS REIS E A ESCRITA FEITA POR MULHERES NO MARANHÃO. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009. Acesso em: 05/06/2018. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0592.pdf>.

